

FACULDADES INTEGRADAS FAFIBE
CURSO DE PSICOLOGIA

GABRIELLE DIB FRANCESCHINI FERNANDES
THALYTA DAIANA RIBEIRO

A CRIANÇA COM PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM NO CONTEXTO
EDUCACIONAL ATUAL: UM OLHAR PARA O PAPEL DO PSICÓLOGO NA
ESCOLA.

BEBEDOURO

2009

GABRIELLE DIB FRANCESCHINI FERNANDES

THALYTA DAIANA RIBEIRO

A CRIANÇA COM PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM NO CONTEXTO
EDUCACIONAL ATUAL: UM OLHAR PARA O PAPEL DO PSICÓLOGO NA
ESCOLA.

Trabalho de Conclusão do Curso de
apresentado às Faculdades Integradas Fafibe,
sob a orientação da Prof. Esp. Renata
Lazarinni para a obtenção do título de
Psicólogo.

BEBEDOURO

2009

Fernandes, Gabrielle Dib Franceschini; Ribeiro, Thalyta Daiana.

A criança com problemas de aprendizagem no contexto educacional atua: Um olhar para o papel do psicólogo na escola. / Gabrielle Dib Franceschini Fernandes, Thalyta Daiana Ribeiro. -- Bebedouro: Fafibe, 2009.

40 f. ; 29,7cm

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -Faculdades Integradas Fafibe, Bebedouro, 2009.

Bibliografia: f. 39-40

Palavras – Chave: educação, dificuldade de aprendizagem, psicólogo escolar.

FACULDADES INTEGRADAS FAFIBE
CURSO DE PSICOLOGIA

GABRIELLE DIB FRANCESCHINI FERNANDES

THALYTA DAIANA RIBEIRO

A CRIANÇA COM PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM NO CONTEXTO
EDUCACIONAL ATUAL:UM OLHAR PARA O PAPEL DO PSICÓLOGO NA
ESCOLA.

Monografia aprovada em 17/11/2009 para obtenção do título de Bacharel em
Psicologia

Banca Examinadora:

Renata Alvarez da Silva Lazarinni – Coordenadora da Clínica de Psicologia das
Faculdades Integradas Fafibe e professora das Faculdades Integradas Fafibe

Débora de Lourdes Ferro Pellegrini Paro – Coordenadora do curso de Psicologia das
Faculdades Integradas Fafibe e professora das Faculdades Integradas Fafibe

Dedico a minha mãe, minha grande companheira e meu grande exemplo de vida.

Gabrielle Dib

Aos meus pais Adilson e Maria Aparecida por não desistirem de me apoiar em meio a dificuldades.

Thalyta Ribeiro

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que se manteve firme, lutou e me permitiu crescer.

Ao meu pai, que mesmo distante nos últimos anos, me faz grata pelo seu carinho comigo.

À minha grande amiga, companheira de classe e do presente trabalho, Thalyta Ribeiro, pela paciência, disposição e dedicação a nossa amizade.

À minha orientadora, supervisora, psicóloga e amiga, Renata Lazarinni, pelas risadas, pela confiança, pela capacitação que me proporcionou nesses anos e pela disposição em ajudar.

E finalmente, agradeço a Deus, verdadeiramente meu Grande Mestre.

Gabrielle Dib

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me deu forças pra continuar esse trabalho e por ser meu grande e poderoso Mestre.

À minha orientadora e coordenadora da Clínica de Psicologia das Faculdades Integradas Fafibe, Renata Lazzarini, pela colaboração prestada na revisão deste Trabalho de Conclusão de Curso e por ser uma excelente profissional, a qual me inspirou.

Para os meus pais Adilson Ribeiro e Maria Aparecida Farias Ribeiro, que me apoiaram desde começo, me incentivando a começar esse trabalho, e não me deixando abater pelos fracassos.

Para o Thiago Rosa, meu amigo, que colaborou na revisão da linguagem deste trabalho.

À minha amiga e companheira deste trabalho, Gabrielle Dib, que me incentivou em todos os momentos.

E finalmente ao meu namorado Bruno , que me apoiou em todo o momento do meu trabalho.

Thalyta Ribeiro

**“O saber que não vem da
experiência não é
realmente saber”**

Lev Vygotsky

RESUMO

O aumento significativo de crianças que apresentam algum tipo de dificuldade de aprendizagem tem motivado o estudo na área educacional, buscando a compreensão de como lidar com tais déficits.

A escola básica não se mostra preparada para acolher e lidar com isso. Essa mesma escola, foi preparada para uma minoria e atualmente se tornou obrigatória e mais do que isso, um direito de todos

. O papel do psicólogo diante disso é de fundamental importância, uma vez que, atualmente, já não está mais concentrado dentro da clínica, mas passou a ocupar também o contexto educacional visando preparar a escola e os professores para lidarem com as dificuldades de .aprendizagens.

Palavra – chave: educação, dificuldade de aprendizagem, Psicólogo escolar.

ABSTRACT

The significant increase of children who present some kind of learning difficulty has motivated the study in the educational area, searching the comprehension of how to deal with such deficits.

The elementary school doesn't seem prepared to accept and deal with it. This same School, was prepared for a minority and nowadays has become mandatory and more, a right for all.

The psychologist role in this subject is of a fundamental importance, since, is no longer concentrated inside the clinic, but also occupy the educational context in order to prepare the school and teachers to deal the learning disabilities.

Key-words: education, learning disabilities, school psychologist.

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	11
1 INTRODUÇÃO.....	1
3 OBJETIVOS.....	3
4 METODOLOGIA.....	4
.....	4
A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de matéria já elaborada constituído principalmente de livros e artigos científicos podendo esta ser qualitativa ou quantitativa. (Gil, 1996).....	4
Este trabalho constituiu-se de um estudo de revisão bibliográfica, de natureza qualitativa. Para Minayo (1994), a pesquisa qualitativa preocupa-se com as ciências sociais, com o nível de realidade que não pode ser quantificado.	4
A principal característica desta pesquisa esta relacionada a compreensão ou interpretação do tema em questão, que no presente trabalho, está relacionado a dificuldade de aprendizagem.....	4
5 REVISÃO TEÓRICA.....	5
5.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA - DA COLONIZAÇÃO À MODERNIDADE.....	5
5.2 O DESENVOLVIMENTO INFANTIL NO ENFOQUE DA PSICOGENÉTICA DE JEAN PIAGET E DA PSICANÁLISE.....	9
Evolução da Psicanálise.....	9
O desenvolvimento e o processo da aprendizagem segundo Jean Piaget.....	11
5.3 DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM.....	17
Definição de dificuldade de aprendizagem.....	18
O Que Mais Afeta as dificuldades de aprendizagens.....	20
Métodos de intervenção.....	21
5.4 O PSICÓLOGO NO AMBIENTE ESCOLAR	22
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
7 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

Um tema recorrente do debate social brasileiro é o da educação, seus problemas e perspectivas. Inicialmente a escola era para poucos, somente para a elite, mas, como o passar dos anos e as muitas reformas educacionais que vieram ocorrendo, a educação básica brasileira passou a ser não só um direito, mas um dever de todos.

Juntamente com as reformas educacionais brasileiras, alguns problemas surgiram, outros permaneceram, mas a verdade é que a Educação Brasileira necessita de grandes transformações uma vez que a demanda tem sido cada vez maior devido a relevância da educação de qualidade para aspectos sociais, psicológicos e econômicos.

O estudo deste tema irá contribuir para a compreensão dos aspectos educacionais, sua importância e em como o psicólogo pode atuar de modo a ajudar a criança no seu desenvolvimento escolar.

Nesse trabalho, serão esclarecidas as mudanças que tais reformas trouxeram à educação, será abordada a contribuição de Jean Piaget e Sigmund Freud ao processo educacional. Além de ressaltarmos o que mais tem aprisionado as crianças nas escolas, as dificuldades de aprendizagens e por fim será estudado sobre a importância e as diferentes maneiras de atuação do psicólogo escolar.

Através de revisão bibliográfica serão abordados os temas descritos anteriormente de modo a esclarecer sobre as crescentes dificuldades de aprendizagens e a possível atuação do psicólogo de modo a facilitar a aquisição de conhecimento do aluno e as dificuldades vivenciadas pela escola.

2 JUSTIFICATIVA

A relevância deste estudo é poder pensar em possibilidades de atuação do psicólogo na escola, favorecendo as áreas de saúde e educação. Dessa forma, este projeto é de fundamental importância para enriquecer e contribuir para as teorias psicológicas que abordam o tema proposto, que são as dificuldades de aprendizagem.

3 OBJETIVOS

O presente projeto busca contextualizar a criança com dificuldade de aprendizagem na dimensão escolar e propor possibilidades de atuação do psicólogo na escola que favoreçam o desenvolvimento infantil.

4 METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de matéria já elaborada constituído principalmente de livros e artigos científicos podendo esta ser qualitativa ou quantitativa. (Gil, 1996)

Este trabalho constituiu-se de um estudo de revisão bibliográfica, de natureza qualitativa. Para Minayo (1994), a pesquisa qualitativa preocupa-se com as ciências sociais, com o nível de realidade que não pode ser quantificado.

A principal característica desta pesquisa esta relacionada a compreensão ou interpretação do tema em questão, que no presente trabalho, está relacionado a dificuldade de aprendizagem.

5 REVISÃO TEÓRICA

5.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA - DA COLONIZAÇÃO À MODERNIDADE

A principal influência da Educação veio da Grécia, que por sua vez, buscou suas influências na Educação Romana. As primeiras escolas brasileiras reuniram principalmente os índios e os colonos (ARANHA, 1996). A Educação para os índios se resumiu na cristianização e na pacificação para que se tornem dóceis para o trabalho, já com os filhos dos colonos a educação tende a ser mais ampla, indo além da escola elementar, que é o ler e o escrever.

No início do século XIX ainda não havia o que poderia ser chamada de pedagogia brasileira, ou seja, de modo geral não havia uma política de educação sistemática e planejada. Foi com a chegada de Dom João VI no Brasil que foram determinadas as primeiras medidas a respeito da educação, e houve a criação de escolas de nível superior, para atender as necessidades do momento, que eram formar oficiais do exército e da marinha para que defendessem a colônia, e engenheiros, militares, etc..

Segundo Fernando de Azevedo, a educação teria de arrastar-se através de todo século XIX, inorganizada, anárquica, incessantemente desagregada. Entre o ensino primário e o secundário não há pontes ou articulações são dois mundos que se orientam cada um na sua direção. (ARANHA, 1996, p.153)

A partir do Século XX, ocorreram profundas mudanças na educação básica brasileira. A escola que foi programada para uma minoria, é obrigada a acolher muito mais do que o desejável.

Segundo Mello, o Século XX trouxe muitos problemas na educação brasileira, entre eles destacam-se os estilos de condução da política educacional e os formatos e conteúdos da educação inicial e continuada dos professores. Sendo assim, trouxemos para o novo século o grande desafio de dar continuidade ao processo de melhoria na Educação, buscando mais qualidade para todos, a qualidade na inclusão de todos na escola, não importando a diversidade e complexidade dos que necessitam da Educação.

Com a aprovação da LDB, com a Nova Constituição, em 1988, fica marcado o final da primeira geração de reformas educacionais, e iniciando a segunda geração temos as leis e bases da educação, que, no decorrer do tempo, devem mudar a educação brasileira. O grande desafio dessa etapa é o fortalecimento da escola e a construção de uma qualidade de ensino melhor e mais adequada.

Com tais metas, de melhoria e eficiência, as reformas educacionais brasileiras, ainda não atingiram a meta final desse processo. A qualidade da aprendizagem é o objetivo que deverá sofrer maiores impactos no movimento realizado pelas transformações educacionais em sua próxima etapa.

É importante considerar que um dos maiores desafios da próxima etapa de mudanças educacionais e de desenvolvimento dos sistemas educacionais será a educação dos jovens e a educação continuada dos adultos. A escola básica obrigatória está na fase final da sua universalização, seus problemas de qualidade ainda são enormes, havendo maior consenso e clareza quanto aos seus objetivos. Sobre o desafio de escolarizar jovens e adultos, há muito que aprender com os movimentos de reforma hoje em curso nos Estados Unidos e na Europa, pois eles apresentam traços importantes e respostas bem sucedidas.

Para Mello (2004), da mesma forma que trouxemos muitos problemas na Educação Brasileira do Século XX, nessa mesma época profundas mudanças ocorreram na Educação Brasileira. A escola, que era programada para uma minoria, começou a viver um crescimento de demanda que pressiona o aumento da oferta a partir da segunda metade do século passado. Foi um crescimento lento, mas inexorável. Crescimento esse, que ocorreu sem que houvesse uma revisão da organização do Sistema de Ensino. Por esse motivo, a expansão quantitativa de vagas foi acompanhada de profundas distorções e seqüelas, muitas ainda são presentes, tais como evasão, repetência, má qualidade do ensino e deterioração das condições de oferta.

Tais problemas, no decorrer do tempo começaram a aparecer mais e demandaram soluções durante toda a metade do século XX. Isso fez com que as questões educacionais fossem colocadas entre as que necessitavam de uma reforma que ia além de aspectos técnico-pedagógicos. Entre os anos de 1950 e 1980 a Educação passa por um período de formulações legais e normativas, mas continua merecendo destaque, foi a partir dos anos 80 que as seqüelas deixadas

pela expansão quantitativa desqualificada tornaram-se críticas, podemos dizer que a escola básica brasileira sofreu diversas crises sempre que incorporou camadas excluídas. Camadas excluídas porque a escola era organizada para um grupo relativamente homogêneo e não estava preparada para lidar com a diversidade, e, quanto mais cresceu, mas heterogênea ficou.

Em 1988, com a Elaboração da Nova Carta Magna, a Constituição¹ dedica a Educação um capítulo próprio, orientando a descentralização, a vinculação de recursos financeiros específicos, a colaboração entre União, estados e municípios e a democratização da gestão em todos os níveis de organização dos sistemas educacionais e apresenta características mais inovadoras que todas as legislações anteriores, criando condições para importantes iniciativas políticas e normativas que marcaram a última década do século XX.

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases) foi o marco normativo de um novo momento, ela não apenas incorporou lições apreendidas com iniciativas de reformas dos anos 80, como também introduziu novos paradigmas curriculares e pedagógicos em sintonia com as reformas educacionais que se processavam.

Com a Aprovação da Constituição de 1988, criou-se o FUNDEF (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério) que reserva boa parte de sua renda para a melhoria do salário do salário e a qualificação profissional dos professores.

A LDB introduz alguns dispositivos importantes para o aperfeiçoamento da gestão em diferentes níveis que se somam aos efeitos do FUNDEF, entre tais dispositivos podem-se destacar os processos de avaliação e gerenciamento de informação educacional, a consagração da autonomia e a valorização da proposta pedagógica da instituição escolar. Com esses novos paradigmas fixados pela LDB foi possível a definição de orientações curriculares que iniciaram processos importantes de melhoria qualitativa, isto é, Diretrizes, Parâmetros e Referenciais Curriculares Nacionais (MELLO, 2004).

Segundo CASASSUS, o processo de mudança curricular e pedagógica tem ainda um longo caminho pela frente, porque não é apenas uma mudança de procedimentos, mas requer algo mais profundo que seria uma revisão da cultura escolar brasileira, dessa forma, por mais completo que possa ser o quadro

¹ Constituição de 1988 determina a elaboração LDB (Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9.394/96). Parâmetros Curriculares Nacionais. Diversidade/ aprendizagem/Flexibilidade.

normativo e por mais eficazes que sejam as iniciativas da educação continuada, a verdade é que existe um grande descompasso entre os princípios da reforma pedagógica e a prática da escola, pois diferente da expansão quantitativa cujos resultados são visíveis a curto prazo, o ritmo pedagógico da melhoria da qualidade é mais lento.

A educação é, ainda hoje, uma das maiores preocupações em termos de política pública no Brasil. Embora o nível de gastos com educação, em relação ao PIB possa ser comparado com o dos países desenvolvidos (Fontes: PNUD (2000) e Banco Mundial (2002).), e o aumento das taxas de frequência escolar tenha acelerado na última década, os indicadores educacionais estão bem distantes do desejável e muitos problemas estruturais e funcionais permanecem nas escolas no Brasil.

5.2 O DESENVOLVIMENTO INFANTIL NO ENFOQUE DA PSICOGENÉTICA DE JEAN PIAGET E DA PSICANÁLISE

Evolução da Psicanálise

Em 1856, nasce Sigmund Freud, no ano de 1873, aos 17 anos, Freud iniciou sua formação como médica, nessa época a medicina já era rica em noções biológicas, mas noções psicológicas não era um centro de cuidado no ser humano. Entretanto em 1882, Breuer, relata a Freud seu método de hipnose, causando nele um grande interesse pela técnica. Freud buscou se aprimorar no hipnotismo, mas com o passar dos anos, deu-se conta que era um mau hipnotizador e a partir disso ele resolve experimentar o método de 'livre associação de idéias', que consistia em deitar o paciente no divã e encorajá-lo a dizer o que viesse à sua mente, sendo também este convidado a relatar seus sonhos. Freud analisava todo o material que aparecesse, e buscava entendê-los e encontrar os desejos, temores, conflitos, pensamentos e lembranças que pudessem se encontrar, que estivessem além do conhecimento consciente do paciente. A partir de uma paciente de Freud, que ele ficou convencido de que as barreiras contra o recordar e associar provinham de forças mais profundas, inconscientes, e que funcionavam como resistências involuntárias, Freud começou a cogitar que essas resistências correspondiam a repressões daquilo que estava proibido de ser lembrado.

A partir daí, o conflito psíquico passou a ser concebido como resultante do embate entre as forças instintivas e as repressoras, sendo que os sintomas se constituíam como sendo a representação simbólica deste conflito inconsciente. Esta concepção inaugura a psicanálise como uma nova ciência, com referências teórico – técnicos próprios, específicos e consistentes. (ZIMERMAN, 1999, p. 23)

Como foi apresentado, Freud representou a divisão entre os dois períodos, e propoe teorias fundamentais para a compreensão dps conflutos psíquicos:

*Teoria do trauma: O significado psicanalítico da palavra “trauma” refere-se a um fato – realmente acontecido – de que tenha tido alguma importante repercussão no psiquismo do sujeito. No início da sua obra, Freud partiu da concepção de que o conflito psíquico era resultante das “repressões” impostas pelos traumas de uma sedução real, de fundo sexual, que suas jovens pacientes histéricas teriam sofrido quando meninas por parte do pai. Freud enfatizava que essas repressões depositadas no inconsciente retornavam ao consciente sob a forma de sintomas. “Daí ele postulou que “os neuróticos sofrem de reminiscências” e que a cura consistiria em “lembrar o que estava esquecido”.” (ZIMERMAN, 2005, p. 130)

*Teoria topográfica: A teoria topográfica foi um dos desenvolvimentos mais importantes para a psicanálise. Continua extremamente atual e foi absorvida pela cultura geral. Faz parte do senso comum moderno. Na altura em que Freud concebeu a teoria topográfica, o interesse dos psicanalistas voltou-se para o inconsciente, mas este era pensado em primeiro lugar como o sítio das pulsões, mais especificamente da pulsão sexual. Freud, nessa altura, ainda não se tinha apercebido da enorme complexidade do mundo interno. A repressão da pulsão sexual era a principal, senão a única, causa dos diversos problemas psicológicos.

*Teoria Estrutural: A teoria estrutural foi amplamente aprofundada pela escola da Psicologia do Ego. Esta corrente da Psicanálise centra-se sobretudo sobre os conflitos que se geram entre as diferentes instâncias e a terapêutica passa pelo reforço das competências do ego, para que este possa lidar com maior eficácia com as exigências pulsionais (que advêm do ID) e morais (que advêm do Superego). A teoria estrutural sofreu várias modificações desde a sua primeira concepção. Muitos psicanalistas fizeram contributos extremamente importantes a esta teoria.

*Conceituação sobre Narcisismo: embora não tenha sido formulado como teoria, os estudos de Freud sobre narcisismo abriram as portas para uma mais profunda compreensão do psiquismo primitivo e constituíram-se como sementes que continuam germinando e propiciando inúmeros vértices de abordagem por parte de autores de todas as correntes psicanalíticas.

*Dissociação do Ego: ao perceber uma dissociação da mente que se manifestava nas pacientes histéricas, foi aprofundando suas pesquisas sobre esse fascinante enigma até que ele ficou convencido de que essa divisão da mente em regiões conscientes e inconscientes não era específica à psicologia e a neuroses, mas que ocorria em todas as pessoas.

Até 1906, Freud já havia lançado as sementes essenciais da psicanálise, a partir daí, outros grandes pensadores, tiveram a tarefa de fazer com que as sementes de Freud viessem a brotar e dar frutos. Mas, coube a sua filha, Anna Freud além da liderança do movimento psicanalítico, a árdua tarefa de assumir e dar continuidade aos estudos de seu pai.

Hoje Freud é conhecido como O Pai da Psicanálise e seus estudos têm grande influência em todas as áreas da Psicologia. De forma que se tornou o mais importante pensador de toda a história da Psicologia.

O desenvolvimento e o processo da aprendizagem segundo Jean Piaget

O desenvolvimento do indivíduo inicia-se no período intra-uterino e vai até a idade adulta. Piaget diz que a embriologia humana evolui também após o nascimento, criando estruturas cada vez mais complexas. A construção da inteligência dá-se, portanto em etapas sucessivas, com complexidades crescentes, encadeadas umas às outras. A isto Piaget chamou de “construtivismo sequencial”. De acordo com sua teoria, Piaget propôs as Fases do Desenvolvimento.

Estágio sensório-motor (do nascimento aos dois anos) - a criança desenvolve um conjunto de "esquemas de ação" sobre o objeto, que lhe permitem construir um conhecimento físico da realidade. Nesta etapa desenvolve o conceito de permanência do objeto, constrói esquemas sensório-motores e é capaz de fazer imitações, construindo representações mentais cada vez mais complexas

Estágio pré-operatório (dos dois aos seis anos) - a criança inicia a construção da relação causa e efeito, bem como das simbolizações. É a chamada idade dos porquês e do faz-de-conta.

Estágio operatório-concreto (dos sete aos onze anos) - a criança começa a construir conceitos, através de estruturas lógicas, consolida a conservação de quantidade e constrói o conceito de número. Seu pensamento apesar de lógico, ainda está preso aos conceitos concretos, não fazendo ainda abstrações.

Estágio operatório-formal (dos onze aos dezesseis anos) - fase em que o adolescente constrói o pensamento abstracto, conceitual, conseguindo ter em

conta as hipóteses possíveis, os diferentes pontos de vista e sendo capaz de pensar cientificamente.

A importância de definir os períodos de desenvolvimento da inteligência reside no fato de que, em cada um, o indivíduo adquire novos conhecimentos ou estratégias de sobrevivência, de compreensão e interpretação da realidade. A compreensão deste processo é fundamental para que os professores possam também compreender com quem estão trabalhando.

Jean Piaget não oferece aos educadores uma didática específica sobre como desenvolver a inteligência do aluno ou da criança. Piaget nos mostra que cada fase de desenvolvimento apresenta características e possibilidades de crescimento da maturação ou de aquisições. O conhecimento destas possibilidades faz com que os professores possam oferecer estímulos adequados a um maior desenvolvimento do indivíduo.

Cabe-nos problematizar as considerações anteriores de Rappaport, a partir da seguinte reflexão: resultados de pesquisas* têm indicado que adultos "pouco-letrados/escolarizados" apresentam modo de funcionamento cognitivo "balizado pelas informações provenientes de dados perceptuais, do contexto concreto e da experiência pessoal" (Oliveira, 2001). De acordo com os pressupostos da teoria de Piaget, tais adultos estariam, portanto, no estágio operatório-concreto, ou seja, não teriam alcançado, ainda, o estágio final do desenvolvimento que caracteriza o funcionamento do adulto (lógico-formal).

É importante ressaltar, ainda, que, para Piaget, existe um desenvolvimento da moral que ocorre por etapas, de acordo com os estágios do desenvolvimento humano. Para Piaget (1977 apud La Taille 1992:21), "toda moral consiste num sistema de regras e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por estas regras". Isso porque Piaget entende que nos jogos coletivos as relações interindividuais são regidas por normas que, apesar de herdadas culturalmente, podem ser modificadas consensualmente entre os jogadores, sendo que o dever de 'respeitá-las' implica a moral por envolver questões de justiça e honestidade.

Assim sendo, Piaget argumenta que o desenvolvimento da moral abrange 3 fases: (a) anomia (crianças até 5 anos), em que a moral não se coloca, ou seja, as regras são seguidas, porém o indivíduo ainda não está mobilizado pelas relações bem x mal e sim pelo sentido de hábito, de dever; (b) heteronomia (crianças até 9,

10 anos de idade), em que a moral é igual a autoridade, ou seja, as regras não correspondem a um acordo mútuo firmado entre os jogadores, mas sim como algo imposto pela tradição e, portanto, imutável; autonomia, corresponde ao último estágio do desenvolvimento da moral, em que há a legitimação das regras e a criança pensa a moral pela reciprocidade, quer seja o respeito a regras é entendido como decorrente de acordos mútuos entre os jogadores, sendo que cada um deles consegue conceber a si próprio como possível 'legislador' em regime de cooperação entre todos os membros do grupo.

Para Piaget, a própria moral pressupõe inteligência, haja vista que as relações entre moral x inteligência têm a mesma lógica atribuídas às relações inteligência x linguagem. Quer dizer, a inteligência é uma condição necessária, porém não suficiente ao desenvolvimento da moral. Nesse sentido, a moralidade implica pensar o racional, em 3 dimensões: a) regras: que são formulações verbais concretas, explícitas (como os 10 Mandamentos, por exemplo); b) princípios: que representam o espírito das regras (amai-vos uns aos outros, por exemplo); c) valores: que dão respostas aos deveres e aos sentidos da vida, permitindo entender de onde são derivados os princípios das regras a serem seguidas.

Assim sendo, as relações interindividuais que são regidas por regras envolvem, por sua vez, relações de coação - que corresponde à noção de dever; e de cooperação - que pressupõe a noção de articulação de operações de dois ou mais sujeitos, envolvendo não apenas a noção de 'dever' mas a de 'querer' fazer. Vemos, portanto, que uma das peculiaridades do modelo piagetiano consiste em que o papel das relações interindividuais no processo evolutivo do homem é focalizado sob a perspectiva da ética (La Taille, 1992). Isso implica entender que "o desenvolvimento cognitivo é condição necessária ao pleno exercício da cooperação, mas não condição suficiente, pois uma postura ética deverá completar o quadro" (idem p. 21).

As conseqüências do modelo piagetiano para a ação pedagógica

A teoria psicogenética de Piaget não tinha como objetivo principal propor uma teoria de aprendizagem. A esse respeito, Coll (1992) faz a seguinte

observação: "ao que se sabe, ele [Piaget] nunca participou diretamente nem coordenou uma pesquisa com objetivos pedagógicos". Não obstante esse fato, de forma contraditória aos interesses previstos, portanto, o modelo piagetiano, curiosamente, veio a se tornar uma das mais importantes diretrizes no campo da aprendizagem escolar, por exemplo, nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil, inclusive.

De acordo com Coll (1987) as tentativas de aplicação da teoria genética no campo da aprendizagem são numerosas e variadas, no entanto os resultados práticos obtidos com tais aplicações não podem ser considerados tão frutíferos. Uma das razões da difícil penetração da teoria genética no âmbito da escola deve-se, principalmente, segundo o autor, "ao difícil entendimento do seu conteúdo conceitual como pelos métodos de análise formalizante que utiliza e pelo estilo às vezes 'hermético' que caracteriza as publicações de Piaget" (Coll, 1987) ressalta, também, que a aplicação educacional da teoria genética tem como fatores complicadores, entre outros. As dificuldades de ordem técnica, metodológicas e teóricas no uso de provas operatórias como instrumento de diagnóstico psicopedagógico, exigindo um alto grau de especialização e de prudência profissional, a fim de se evitar os riscos de sérios erros; a predominância no "como" ensinar coloca o objetivo do "o quê" ensinar em segundo plano, contrapondo-se, dessa forma, ao caráter fundamental de transmissão do saber acumulado culturalmente que é uma função da instituição escolar, por ser esta de caráter pre eminentemente político-metodológico e não técnico como tradicionalmente se procurou inculcar nas idéias da sociedade; a parte social da escola fica prejudicada uma vez que o raciocínio por trás da argumentação de que a criança vai atingir o estágio operatório secundariza a noção do desenvolvimento do pensamento crítico; d) a idéia básica do construtivismo postulando que a atividade de organização e planificação da aquisição de conhecimentos estão à cargo do aluno acaba por não dar conta de explicar o caráter da intervenção por parte do professor; e) a idéia de que o indivíduo apropria os conteúdos em conformidade com o desenvolvimento das suas estruturas cognitivas estabelece o desafio da descoberta do "grau ótimo de desequilíbrio", ou seja, o objeto a conhecer não deve estar nem além nem aquém da capacidade do aprendiz conhecedor.

A educação na visão piagetiana

Com base nesses pressupostos, a educação deve possibilitar à criança um desenvolvimento amplo e dinâmico desde o período sensório motor até o operatório formal.

A escola deve partir dos esquemas de assimilação da criança, propondo atividades desafiadoras que provoquem: com base nesses pressupostos, a educação deve possibilitar à criança desequilíbrios e reequilibrações sucessivas, promovendo a descoberta e a construção do conhecimento.

Para construir esse conhecimento, as concepções infantis combinam-se às informações advindas do meio, na medida em que o conhecimento não é concebido apenas como sendo descoberto espontaneamente pela criança, nem transmitido de forma mecânica pelo meio exterior ou pelos adultos, mas, como resultado de uma interação, na qual o sujeito é sempre um elemento ativo, que procura ativamente compreender o mundo que o cerca, e que busca resolver as interrogações que esse mundo provoca.

É aquele que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo, e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo em que organiza seu mundo. Não é um sujeito que espera que alguém que possui um conhecimento o transmita a ele por um ato de bondade.

Quando se fala em sujeito ativo, não estamos falando de alguém que faz muitas coisas, nem ao menos de alguém que tem uma atividade observável.

O sujeito ativo de que falamos é aquele que compara, exclui, ordena, categoriza, classifica, reformula, comprova, formula hipóteses, etc. em uma ação interiorizada (pensamento) ou em ação efetiva (segundo seu grau de desenvolvimento). Alguém que esteja realizando algo materialmente, porém seguindo um modelo dado por outro, para ser copiado, não é habitualmente um sujeito intelectualmente ativo.

Principais objetivos da educação: formação de homens "criativos, inventivos e descobridores", de pessoas críticas e ativas, e na busca constante da construção da autonomia.

Devemos lembrar que Piaget não propõe um método de ensino, mas, ao contrário, elabora uma teoria do conhecimento e desenvolve muitas investigações cujos resultados são utilizados por psicólogos e pedagogos.

Desse modo, suas pesquisas recebem diversas interpretações que se concretizam em propostas didáticas também diversas.

Implicações do pensamento piagetiano para a aprendizagem:

- Os objetivos pedagógicos necessitam estar centrado no aluno, partir das atividades do aluno.
- Os conteúdos não são concebidos como fins em si mesmos, mas como instrumentos que servem ao desenvolvimento evolutivo natural.
- Primazia de um método que leve ao descobrimento por parte do aluno ao invés de receber passivamente através do professor.
- A aprendizagem é um processo construído internamente.
- A aprendizagem depende do nível de desenvolvimento do sujeito.
- A aprendizagem é um processo de reorganização cognitiva.
- Os conflitos cognitivos são importantes para o desenvolvimento da aprendizagem.
- A interação social favorece a aprendizagem.
- As experiências de aprendizagem necessitam estruturar-se de modo a privilegiarem a colaboração, a cooperação e intercâmbio de pontos de vista na busca conjunta do conhecimento.

Piaget não aponta respostas sobre o que e como ensinar, mas permite compreender como a criança e os adolescentes aprendem, fornecendo um referencial para a identificação das possibilidades e limitações de crianças e adolescentes. Desta maneira, oferece ao professor uma atitude de respeito às condições intelectuais do aluno e um modo de interpretar suas condutas verbais e não verbais para poder trabalhar melhor com elas.

5.3 DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Visto que sempre útil começar com uma definição a aprendizagem se constitui de mudança relativamente, no comportamento potencial de um indivíduo devidas suas experiências. Essa definição chama a atenção para três aspectos; em primeiro lugar que a aprendizagem pode mudar o indivíduo de alguma forma; em segundo que essa mudança ocorre com um resultado da experiência; e em terceiro que é uma mudança em seu comportamento potencial. (Fontana 1991)

Os transtornos de dificuldades de aprendizagem apresentam vários fatores que influenciam sua constituição como aspectos sociais, afetivos, e de ordem orgânica, podem ocorrer ao longo do ciclo vital. As dificuldades de aprendizagem podem ser um fenômeno que afeta a vida das pessoas, por isso não se pode falar somente de crianças com DA, mas, também, de adolescentes e adultos. (Fonseca 1995)

De acordo com o mesmo autor a dificuldade de aprendizagem vem desde antigamente, historicamente falando a sociedade passou por diversas transformações, no século XII e XIV a criança entrava na escola aos treze anos de idade. No século XVI os jesuítas estabeleceram os ingressos na escola aos sete anos, são as classes que tinha um nível mais alto que podiam estudar.

Vários filósofos, como Rousseau, Montessori, Decroly, Froebel, Mendel, Freinet, revolucionaram, propondo que os processos escolares deveriam ser para todos, e obrigatório.

A partir daí as crianças levam seus valores de sua cultura, grupo social ou família, para escola, poderá obter os mesmos resultados.

A única forma de a criança resolver o conflito entre diferentes valores do lar e da escola e adotar padrões duplos, comportando-se de uma maneira na escola e outra em casa, ou rejeitar a escola e o lar. Se a criança adotar a primeira, ela enfrentara problemas de identidade pessoal, se adotar a ultima, será malsucedida.

O conflito lar e escola não ocorrem por causa da criança e de suma importância que a escola faça que o aluno se familiarize com a mesma para minimizar o seu impacto. (Fontana,1991)

Segundo Fonseca, o termo dificuldade de aprendizagem tem a seguinte definição: é um termo geral a que se refere a um grupo heterogêneo de desordens

manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e utilização da compreensão auditiva, da fala da leitura, da escrita e do raciocínio matemático.

Definição de dificuldade de aprendizagem

Segundo, Johnson e Myklebust 1997 a definição de dificuldade de aprendizagem dada anteriormente, pode-se definir vários tipos:

Disortografia: Caracteriza-se pela incapacidade de transcrever corretamente a linguagem oral, havendo trocas ortográficas e confusão de letras. Essa dificuldade não implica a diminuição da qualidade do traçado das letras.

As trocas ortográficas são normais durante a primeira e segunda série do ensino fundamental, porque a relação entre a palavra impressa e os sons ainda não está totalmente dominada. Os principais tipos de erro que a criança com disortografia costuma apresentar são: Confusão de letras (trocas auditivas): - consoantes surdas por sonoras: f/v, p/b, ch/j; - vogais nasais por orais: na/a, em/e, in/i, on/o, um/u. Confusão de sílabas com tonicidade semelhante: cantarão/ cantaram. Confusão de letras (trocas visuais): - simétricas: b/d, p/q; - semelhantes: e/a, b/h, f/t. Confusão de palavras com configurações semelhantes: pato/ pelo. Uso de palavras com um mesmo som para várias letras: casa/ caza, azar/ asar, exame/ ezame (som do z).

“Além dessas trocas podem surgir dificuldades em recordar a seqüência dos sons das palavras, que são elaboradas mentalmente, Surgem então: omissões (caxa/ caixa); adições (árvovore/ árvore); inversões (picoca/ pipoca); fragmentações (em contraram/ encontraram; a parecer/ aparecer); junções (Umdia o menino/ Um dia o menino); contaminação, na palavra, de uma letra por outra próxima (brincadeira/ brindadeira).

(JOHNSON e MYKLEBUST, 1997, p. 267-268).”

Dislexia: a criança disléxica demonstra sérias dificuldades com a identificação dos símbolos gráficos no início da sua alfabetização, o que acarreta fracasso em outras áreas que dependem da leitura e da escrita. (JOHNSON e MYKLEBUST, 1997)

A dislexia como causa dos distúrbios de leitura, porque a criança disléxica demonstra sérias dificuldades com a identificação dos símbolos gráficos no início da

sua alfabetização, o que acarreta fracasso em outras áreas que dependem da leitura e da escrita.

Agora, com mais detalhes vamos focar a dislexia como um distúrbio específico do indivíduo em lidar com os símbolos (letras e/ ou número), para que, esse indivíduo possa ser ajudado pelos professores na sala de aula.

Algumas das principais dificuldades apresentadas pela criança disléxica, de acordo com a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), são: Demora a aprender a falar, a fazer laço nos sapatos, há reconhecer as horas, a pegar e chutar bola, a pular corda. Tem dificuldade para escrever números e letras corretamente; ordenar as letras do alfabeto, meses do ano e sílabas de palavras compridas; distinguir esquerda e direita.

Necessitam usar blocos, dedos ou anotações para fazer cálculos. Apresenta dificuldade incomum para lembrar a tabuada. Sua compreensão da leitura é mais lenta do que o esperado para a idade. O tempo que leva para fazer as quatro operações aritméticas parece ser mais lento do que se espera para sua idade.

Demonstra insegurança e baixa apreciação sobre si mesma.

Confundem-se às vezes com instruções, números de telefones, lugares, horários e datas. Atrapalha-se ao pronunciar palavras longas. Tem dificuldade em planejar e fazer redações.

O esforço de lutar contra as dificuldades, a censura e a decepção às vezes leva a criança disléxica a manifestar sintomas como dores abdominais, de cabeça ou transtornos de comportamento.

Em geral, ela é considerada relapsa, desatenta, preguiçosa, sem vontade de aprender, o que cria uma situação emocional que tende a se agravar, especialmente em função da injustiça que possa vir a sofrer.

Muitos conflitos e frustrações acompanham o disléxico e sua família, pois, sendo ele normal intelectualmente, as expectativas da família são sempre muito altas.

Reprovação e abandono escolar é ocorrência comum na vida escolar do disléxico.

“Existem também conseqüências mais profundas, no nível emocional, como diminuição do autoconceito, reações rebeldes e delinqüências, ou de natureza depressiva”.

(JOHNSON e MYKLEBUST, 1997, p. 90,91).

Disgrafia: É a dificuldade em passar para a escrita o estímulo visual da palavra impressa. Caracteriza-se pelo lento traçado das letras, que em geral são ilegíveis. (JOHNSON e MYKLEBUST, 1997)

“A criança disgráfica não é portadora de defeito visual nem motor, e tampouco de qualquer comprometimento intelectual ou neurológico. No entanto, ela não consegue idealizar no plano motor o que captou no plano visual”.

JOHNSON e MYKLEBUST (1997, p. 267,268)

TDH: transtorno de hiperatividade onde a criança não para no lugar e não consegue ficar muito tempo em um só exercício, tem a atenção comprometida, é conhecida por interromper tarefas ou deixa-las inacabadas, implica numa inquietação excessiva. (classificação dos transtornos mentais e de comportamento, CID10, 1993)

O Que Mais Afeta as dificuldades de aprendizagens

De acordo com Fonseca (1995) um dos problemas que mais afetam a criança e jovens com DA são os problemas emocionais: As crianças e jovens com DA são normalmente descritos pelos pais e pelos professores como “vivas” e “fabulosas”, “nervosas” e “desatentas”, inquietas, “desorganizadas”, irresponsáveis “e outras coisas mais”. Evidenciam freqüentemente sinais de instabilidade emocional, e de dependência, a que não é alheia uma reduzida tolerância a frustração. Sentimento de exclusão, de rejeição, de perseguição, de abandono, de hostilidade e de insucesso são também detectáveis nessa criança.

A repetição crônica do insucesso e o seu efeito em termos de expectativas levam a criação de resistência, fobias e defesas perante as tarefas educacionais adulto suportam o fracasso porque uma criança ou jovem teria que suportar o adulto tem seus refúgios como a depressão o stress com a criança não seria diferente. Por isso é importante o encorajamento, a estimulação da iniciativa o reforço positivo são os modelos mais perspectivos e eficazes de mudança, de comportamento e não o contrario. Não adiantara resolver os problemas de

aprendizagem se os problemas de relação não forem superados. Para melhorar os produtos de aprendizagem é importante levar em conta a escola, e resolver o caos interno da criança que é o desequilíbrio emocional que assume o papel importante no processo psicológico e de aprendizagem. (Fonseca, 1995)

Métodos de intervenção

Após ter diagnosticado as razões para o atraso no rendimento escolar da criança, o professor fica a meio caminho de fornecer soluções, em geral para problemas físicos, pode-se tomar facilmente uma decisão, com a criança sendo encaminhada para autoridades médicas apropriadas, colocada na frente da classe, recebendo um tempo extra para fazer sua tarefa. mudanças freqüentes de escolas e professores também podem ser boas. (Fontana 1991)

Para melhorar a dificuldade de aprendizagem nesses alunos, o governo tende a investir e estimular a investigação epidemiológica, realizando estudos aprofundados de população com DA.

E os professores desses alunos devem adotar uma abordagem neuroeducacional para entender a complexidade dos problemas de aprendizagem.

E todo envolvimento educacional necessita de qualidade, melhores salas de aula, e de apoio, melhor apoio a família, programas de enriquecimento instrumental.

Os materiais didáticos devem ser específicos e diferenciados para esses jovens com D.As. (FONSECA.D.V,1995)

A escola existe para permitir que os alunos passem de uma aprendizagem lenta para uma rápida e isso significa uma reavaliação constante, por parte de seus funcionários, dos métodos que usam e dos valores que defendem.

5.4 O PSICÓLOGO NO AMBIENTE ESCOLAR

É conhecida a enorme quantidade de crianças com queixas escolares encaminhada pelas escolas aos psicólogos nos Centros de Saúde.

Por isso vem a necessidade do psicólogo se inserir na escola. Dentro da escola, educadores e diretores emitem reclamações diante de precárias condições de trabalho e pontuam os impedimentos à efetivação da educação, e um dos outros fatores existe a representação da família enquanto instituição desestruturada, inapto de promover um desenvolvimento infantil adequado, portanto, é considerada responsável por problemas de surgem no ambiente escolar. Essa questão deve ser esclarecida com o objetivo de buscarmos a sua existência. Ao questionarmos a aproximação entre a escola e família, enquanto um desafio para os professores, nosso olhar deve fixar-se as pessoas que participam do ambiente escolar diariamente, com suas histórias de vida crenças e modo de agir, isso implica na inclusão da família. SIGOLLO(Chakur,2001).

O predomínio da família nuclear há aumento das matrifocais (formada por mulheres e seus filhos) e diminuição de ampliadas (composta por casal, filhos e outros parentes). A estrutura hierarquizada, caracterizada pelo poder do marido não se constitui de forma tão rígida em função dos modelos culturais, próprio de cada camada social.

A criança tem a família como mediadora entre ela e a sociedade, e o primeiro espaço coletivo a que aprende a imitar a se referir, elas imitam padrões de comportamentos, hábitos, usos, valores, costumes, atitude e linguagem tudo isso é emitido no âmbito familiar. nesse grupo as bases da subjetividade, da personalidade e da identidade serão desenvolvidas através das interações.

Muitas das vezes a escola acusa a família pelo fracasso escolar da criança, considerando-a, desestruturada, negligente quando se trata de assuntos escolares. Mas deve considerar fatores estressantes que acontecem na vida da criança como depressão, como o professor motiva esse aluno a participar da aula, a incentivarão familiar, etc.

O trabalho do psicólogo só vai funcionar se a escola como instituição e a família trabalharem juntos para o melhor desenvolvimento da criança (Commer & Rainners,1991)

O psicólogo escolar trabalha com problemas que ocorram diretamente nas escolas sendo estes alunos de todas as idades, por professores, pais e a comunidade em que vivem.

Ao psicólogo escolar cumpre conhecer que espécies de forças influenciam as escolas e de que modo reagem e respondem o que são afetados por ela.(Costa & Roganglio, 2000)

A escola só perde, em influencia e poder sobre a vida das pessoas, para os meios de comunicação, sabendo-se que as escolas estão em dificuldade e que, em geral não estão correspondendo às necessidades de muitas crianças, estas que não acompanham o ritmo de mudanças de nossos tempos.

É neste espaço que entra o psicólogo, que estaria na escola ou em comunicação com a mesma atuando com os alunos e professores parte do sistema escolar.

O trabalho de intervenção envolve vários aspectos da realidade escolar como a qualidade da relação professor-aluno em sala de aula, as formas de transmissão dos conteúdos pedagógicos e as situações de ensino-aprendizagem propostas em classe, os vínculos existentes entre o professor e as famílias, a história pessoal e escolar da criança e como a escola e o professor se apropriaram dela, a definição de critérios para a seleção do aluno por classe e por professor, a concepção de disciplina pelos professores e pela instituição e as formas pelas quais as normas disciplinares definem as relações da instituição com seus alunos, as concepções que a instituição possui de sua clientela e de suas capacidades de aprendizagem.

Sabe-se que a qualidade da relação professor-aluno é determinante do processo ensino-aprendizagem, não só em seus aspectos cognitivos, mas também psicossociais. No cotidiano escolar, tem-se observado que a avaliação que os professores fazem dos alunos está permeada por uma visão preconceituosa que, tomando-os como incapazes - muitas vezes ratificados pelo psicodiagnóstico , relega a segundo plano as situações de aprendizagem e a transmissão de conteúdos escolares, produzindo dificuldades escolares para o aluno. Nesta postura, justificam o encaminhamento para os psicólogos (Patto, 1990).

Outro aspecto que chama a atenção é a indisciplina, que vêm sendo apontada como uma das maiores queixas da escola em relação aos alunos. Quando analisada no contexto em que surge, ela revela-se portadora de múltiplos significados e sintoma de vários conflitos presentes na escola, como a revolta gerada pelo encaminhamento para a classe especial, tida em muitas escolas como lugar de punição para onde vão aqueles que ninguém quer, tornando o aluno alvo de agressão dos outros colegas. As próprias normas disciplinares muito rígidas (como atitudes de suspensões, encaminhamentos para o conselho tutelar ou até mesmo para a delegacia) acabam gerando conflitos, pois havendo um aumento da violência dos pais contra os filhos que tiveram advertências na escola, muito provavelmente esta retorna para a escola sob a forma de comportamentos violentos do aluno com o professor e os colegas. Também a falta de regras claras da própria escola em relação aos alunos e aos professores cria relações interpessoais baseadas na arbitrariedade, no autoritarismo, no privilégio de interesses particulares, e geram revoltas pelas injustiças cometidas.

Outra fonte de conflitos e revolta, que gera indisciplina, são as agressões baseadas em preconceitos contra o pobre, o negro e a mulher, presentes nas relações das crianças entre si e com a professora, o que interfere diretamente no desempenho escolar das crianças e nas possibilidades de ensino do professor.

Enfim, todos estes aspectos não podem mais passar despercebidos pelos psicólogos que atuam na queixa escolar e não podem ser ignorados em sua prática profissional.

É conhecida a precariedade dos cursos de psicologia e sua parcela de responsabilidade na formação dos profissionais que atuarão nestas queixas, seja pela quase ausência de críticas à compreensão de que a criança pobre e sua família são responsáveis pelo fracasso escolar, seja pela visão parcial com que analisam a escola oferecida a estas crianças

A forte influência de uma visão médico-hospitalar na psicologia (Pessotti, 1975) deixou também raízes profundas na formação dos psicólogos e na maneira de compreender as contribuições da psicologia no processo educacional. Esta visão imprimiu na ação dos psicólogos uma linha nitidamente clínica, norteadas, sobretudo por atuações diagnósticas e curativas, nas quais predomina um atendimento psicoterapêutico individualizado ao aprendiz com queixa escolar, visto como

portador de características pessoais incompatíveis com a aprendizagem e o ajustamento escolar.

Nesse contexto, pode-se entender as dúvidas e confusões destes psicólogos quanto às concepções de que dispõem no seu exercício profissional, apontadas em vários momentos de seus depoimentos pois, ao não incorporarem uma análise mais ampla sobre a compreensão da queixa escolar, não buscam um referencial teórico-metodológico que dê conta de entender o que se passa na realidade das escolas públicas no Brasil.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a leitura e análise crítica da teoria pudemos perceber que a educação no Brasil apresenta muitas falhas e problemas associados a crianças com problema de aprendizagem.

Vale lembrar também que a aprendizagem nem sempre se faz por obra do desejo, nem resulta sempre prazerosa. Muitas das vezes, requer esforço e persistência do aluno pra chegar ao bom termo.

A escola no século XIX, era permitida apenas para as classes sociais ,mais elevadas,a partir do século XX ,a educação básica passou a ser um direito de todos .A crescente busca da população em geral por este direito gerou um crescimento quantitativo exagerado.Crescimento este,que não foi acompanhado qualitativamente,gerando então os primeiros problemas na educação,surgindo as dificuldades de aprendizagem.

Permanece então o problema de como melhorar a aprendizagem na escola, essa questão recorrente, vem sendo discutida pelos governos e encontros acadêmicos, e sempre surgem propostas, como ampliação da rede física,melhoria de suas condições materiais, investimento na atualização dos docentes.

Mas enquanto não se caracterizam as soluções de forma estrutural e mais ampla,as discussões ficam sobre as dificuldades de aprendizagem,que podem ser de natureza neurológica ou emocional,mais de qualquer forma atinge o desenvolvimento educacional.

Já o psicólogo pode entrar para ajudar a instituição e prevenir os problemas e propor formas adequadas de lidar com os alunos com dificuldade de aprendizagem e com problema de conduta. O trabalho do psicólogo só vai funcionar se a escola como instituição e a família trabalharem juntos para o melhor desenvolvimento da criança.

Apesar da falência retratada atrás, achamos que o professor pode ocupar o lugar que lhe é verdadeiramente devido à sala de aula, e ousar algumas mudanças. Ao invés de cruzar os braços e continuar as queixas e procurar pelo culpado, pode utilizar as alternativas validas e viáveis, para beneficio dos alunos .

Desta forma, propomos para resolvermos varias dificuldades vivenciadas pelos educadores, alunos e suas famílias deveria existiriam trabalho onde o psicólogo é de fundamental importância trabalhando em parceria com a educação para somar dificuldades individuais e sociais.

7 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M. L. A. **Historia da Educação**. 2. ed. Sao Paulo: Ed. Moderna, 1996.

CASASSUS, J. **A reforma educacional na América Latina no contexto de globalização**. Cad. Pesqui., São Paulo, n. 114, Nov. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000300001&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 10 de Setembro de 2009.

COLL, C.; GILLIÈRON, C. Jean Piaget: o desenvolvimento da inteligência e a construção do pensamento racional. In, LEITE, L.B. (org) **Piaget e a Escola de Genebra**. p. 15-49 São Paulo: Cortez, 1987.

DORGIVAL, C. Classificação de transtornos mentais e de comportamentos da CID10: ,Porto alegre Artmed,1993.

FONSECA, V. **Introdução as dificuldades de Aprendizagem**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 1995.

FONTANA. D. **Psicologia para Professores**. São Paulo: Manole Ltda.,1991.

LA TAILLE., Y. Prefácio. In, PIAGET, J. **A construção do real na criança**. 3.ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

MELLO, G. N. **Educação escolar brasileira: o que trouxemos do século XX.** São Paulo: Artmed, 2004.

OLIVEIRA, M.K.de. Letramento, cultura e modalidades de pensamento. In, KLEIMAN, A.B. (org.) **Os significados do letramento.** p.147-160. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

PATTO. M. H. **A produção do fracasso escolar.** São Paulo: T. A. Queiroz.1990.

PATTO, M. H. S. **Introdução à Psicologia Escolar.** São Paulo: T. A. Queiroz,1981.

RAPPAPORT, C. R. Modelo piagetiano. In RAPPAPORT; FIORI; DAVIS. **Teorias do Desenvolvimento: conceitos fundamentais.** p. 51-7. v. 1. EPU, 1981.

ZIZERMAN, D. E. **Fundamentos Psicanalíticos – teoria, técnica, clínica: uma abordagem didática.** São Paulo: Editora Artmed,1999.

ZIMERMAN, D. E. **Psicanálise em perguntas e respostas – verdades, mitos e tabus.** Porto Alegre: Artmed, 2005.